



Revista Portal – Saúde e Sociedade

E - ISSN 2525-4200

Volume 9 (2024), Fluxo contínuo, e02409006esp-2



<https://doi.org/10.28998/rpss.e02409006esp-2>

<https://www.seer.ufal.br/index.php/nuspfamed/index>

ARTIGO ORIGINAL – Suplemento Temático PROFSAÚDE

Escrevivências, em um contexto de encarceramento, acerca da experiência de cuidados em saúde mental a partir das Práticas Integrativas e Complementares

Writings in the context of incarceration on the experience of mental health care based on Integrative and Complementary Practices

Escritos-vivências, en un contexto de encarcelamiento: acerca de la experiencia de atención a la salud mental a partir de Prácticas Integrativas y Complementarias

Alane Juscení Menezes Cordeiro

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Helena Moraes Cortes

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Paula Hayasi Pinho

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Autor correspondente: Alane Juscení Menezes Cordeiro – E-mail: alanecordeiro@aedasmg.org

Recebido em: 30 de setembro de 2023 – Aprovado em: 8 de maio de 2024 – Publicado em: 16 de setembro de 2024

RESUMO

Objetivo: Cartografar o processo de produção de cuidados em saúde mental, por meio de atividades grupais com Práticas Integrativas e Complementares e a produção de mapas inspirados em Deligny, com pessoas em situação de encarceramento, num contexto de privação de liberdade no nordeste brasileiro. **Métodos:** Trata-se de uma abordagem qualitativa, que aposta na cartografia a partir do referencial teórico-metodológico de Deleuze e Guattari, somado à produção de mapas inspirada em Deligny. A produção dos dados ocorreu por meio da observação participante e de entrevista-conversa, com registro minucioso em diários de campo e produção dos mapas no coletivo grupal. Foram cartografados sete homens em situação de encarceramento. **Resultados:** Evidenciou-se a produção de cuidados em saúde mental com as Práticas Integrativas e Complementares que foram possíveis de inserir na prisão a partir da produção de subjetividade e dos territórios existenciais que se apresentaram e se constituíram durante os encontros. **Considerações finais:** Ressalta-se a importância de apontar caminhos para a produção de cuidados balizados pela atenção psicossocial, que fortaleçam o

Palavras-chave

Saúde Mental;
Práticas Integrativas
e Complementares;
Cartografia; Prisão.

Revista Portal – Saúde e Sociedade



protagonismo das pessoas às quais eles se destinam, de modo que ocorram em consonância com os preceitos da reforma psiquiátrica. Este texto é fruto do programa de pós-graduação *stricto sensu* Mestrado Profissional em Saúde da Família (PROFSAÚDE).

ABSTRACT

Objective: To map the process of producing mental health care through group activities with Integrative and Complementary Practices and the creation of maps inspired by Deligny with people in a situation of incarceration in a context of deprivation of liberty in the Northeast of Brazil. **Methods:** It is a qualitative approach based on cartography using the theoretical-methodological framework of Deleuze and Guattari and the creation of maps inspired by Deligny. The data was collected through participant observation and interview-conversations, with detailed records through field diaries and the production of maps in a group collective. Seven incarcerated men were mapped. **Results:** There was evidence of the production of mental health care with Integrative and Complementary Practices that could be used in prison, based on the production of subjectivity and the existential territories presented and constituted during the meetings. **Final considerations:** It is important to show ways in which care based on psychosocial support can be provided to strengthen the protagonism of the people for whom it is intended, so that it is in line with the precepts of the psychiatric reform. This text is the result of the *stricto sensu* postgraduate program Professional Master's Degree in Family Health (PROFSAÚDE).

RESUMEN

Objetivo: Mapear el proceso de producción de cuidados en salud mental, a través de actividades grupales con Prácticas Integrativas y Complementarias y la producción de mapas inspirados en Deligny, con personas en situación de encarcelamiento, en un contexto de privación de libertad en el nordeste de Brasil. **Métodos:** Se trata de un abordaje cualitativo basado en la cartografía a partir del marco teórico-metodológico de Deleuze y Guattari, junto con la producción de mapas inspirados en Deligny. Los datos se produjeron mediante observación participante y entrevista-conversación, con registro detallado en diarios de campo y producción de mapas en el colectivo grupal. Se cartografiaron siete hombres en situación de encarcelamiento. **Resultados:** Se evidenció la producción de cuidados en salud mental con Prácticas Integrativas y Complementarias que fueron posibles de insertar en la prisión a partir de la producción de subjetividad y de los territorios existenciales que se presentaron y constituyeron durante los encuentros. **Consideraciones finales:** Se resalta la importancia de apuntar a caminos para la producción de cuidados basados en la atención psicosocial que fortalezcan el protagonismo de las personas a las que se destinan, de modo que estén en consonancia con los preceptos de la reforma psiquiátrica. Este texto es resultado del programa de posgrado *stricto sensu* Maestría Profesional en Salud de la Familia (PROFSAÚDE).

Keywords

*Mental Health;
Integrative and
Complementary
Practices;
Cartography; Prison.*

Palabras clave

*Salud Mental;
Prácticas
Integradoras y
Complementarias;
Cartografía;
Cárcel.*

Introdução

Dados do Departamento Penitenciário Nacional (1) do Ministério da Justiça apontam que a população carcerária brasileira, no ano de 2019, era de 726.354 pessoas. Considerando que havia 423.242 vagas, resultando em um déficit de 303.112 mil vagas, o que representava uma taxa de ocupação de 171,62% para o referido ano. A população penitenciária era constituída, ainda, em sua maioria, de 63,6% de pessoas de cor/etnia preta e parda, com faixa etária mais prevalente entre 18 e 29 anos, o que representava 54% dos indivíduos (1).

Diante da vulnerabilidade experienciada pelas pessoas em situação de encarceramento, em 2003, foi lançado o Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário (PNSSP), como política pública de saúde com ênfase na população privada de liberdade (2). Posteriormente, ampliou-se o itinerário carcerário e inseriram-se as unidades prisionais na Rede de Atenção à Saúde (RAS), a partir da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade (PNAISP) (3). Tanto o PNSSP, quanto a PNAISP preveem ações em saúde com vistas à atenção em saúde mental.

Nesse sentido, é possível pensar em cuidados em saúde para o contexto de privação de liberdade a partir da perspectiva da Atenção Psicossocial com as Práticas Integrativas e Completares em Saúde (PICS)? Lançar mão das PICS refere-se a um conjunto de práticas, produtos e saberes tradicionais que promovem o cuidado em saúde baseado em um modelo de cuidado humanizado, centrado no sujeito e promotor da autonomia do cuidado (4). Outra ferramenta que pode ampliar o olhar para o território experienciado pelas pessoas privadas de liberdade é a produção de mapas de Deligny (5). Nesse sentido, um contorno importante para a produção de modos de cuidado em saúde mental pode decorrer da experiência de sua construção com as pessoas privadas de liberdade.

Por isso, objetivou-se cartografar o processo de produção de cuidados em saúde mental por meio de atividades grupais com as PICS e a produção de mapas inspirados em Deligny (5), em um contexto de privação de liberdade na região Nordeste do Brasil.

Métodos

Trata-se de uma pesquisa qualitativo-cartográfica que utiliza o referencial teórico-metodológico de Deleuze e Guattari (6) e Merhy (7), somado à produção de mapas inspirada em Deligny (5). Para Barros e

Kastrup (8:52), “cartografar é acompanhar processos”; desse modo, os dados foram cultivados/produzidos a partir da imersão da cartógrafa em campo. O cenário de imersão para a pesquisa foi uma penitenciária situada no sertão pernambucano, campo de trabalho da pesquisadora-cartógrafa.

Os participantes desta investigação foram sete homens em situação de privação de liberdade, que aceitaram participar da pesquisa e que apresentavam comorbidade(s) (diabetes mellitus, hipertensão arterial sistêmica, soropositividade para HIV e obesidade), ausência de apoio familiar autorreferida e processo penal sentenciado. Adotou-se o conceito de “escrevivência” de Evaristo, pois a autora considera, para a construção da escrita, três elementos: o corpo, a condição e a experiência do existir do negro no Brasil (9:622).

A produção de dados deu-se por meio dos encontros grupais com PICS em saúde mental e com a utilização das seguintes técnicas: observação participante livre/assistemática, com o registro minucioso em diários de campo; entrevista do tipo conversação; e produção de mapas inspirada em Deligny (5). Propôs-se esse dispositivo para retratar o que se sucedia com crianças autistas através do olhar de presenças próximas. Certamente, os mapas construídos nesta pesquisa não se assemelham à produção da época em que Deligny (5) propunha o método aos adultos, pois, de modo distinto, os mapas foram usados como uma estratégia de cuidado a ser desenvolvida com os participantes do grupo de saúde mental com as PICS. Nos encontros cartográficos da pesquisa, em virtude da necessidade de fortalecimento dos vínculos, para dar fluidez ao momento de produção dos mapas, sua construção ocorreu quando a pesquisadora sentiu que o grupo estava mais aberto e à vontade para tal experiência.

Para esta pesquisa, a observação foi do tipo participante e assistemática, sem a utilização de roteiro pré-estabelecido, o que se configurou como um dispositivo potente para o registro das afetações experienciadas durante todo o processo cartográfico. Nos diários de campo, registraram-se manifestações diversas, tais como gestos, expressões verbais e não-verbais, atitudes, atividades e reflexões que emergiram das situações do encontro com a pesquisadora-cartógrafa.

Utilizou-se também a entrevista-conversação baseada em Trentini, Paim e Silva (10), que caracterizam essa técnica como um instrumento aberto ou pré-elaborado, que se constitui em uma conversa informal com o participante da pesquisa. Para esta pesquisa, não foi utilizado um roteiro orientador, pois o olhar cartográfico parte do estar “com”.

A observação participante ocorreu entre os meses de março e abril de 2022, totalizando oito encontros grupais com duração de duas horas cada um, duas vezes por semana. Destaca-se que a

observação participante permeou todo o processo de pesquisa cartográfica, estendendo-se durante a realização das entrevistas/conversação, que ocorreram em um período estimado de 30 minutos para cada sujeito do grupo, totalizando quatro horas.

À medida que eram produzidos os diários de campo, as cenas cartográficas eram analisadas e organizadas em categorias temáticas. Na cartografia, a produção de dados e a análise ocorrem concomitantemente, seguindo sempre na direção da participação coletiva, de modo que os participantes são analisadores dos dados e, conseqüentemente, das práticas de cuidado. Para isso, é preciso experienciar dispositivos, habitar o território, afinar a atenção, deslocar pontos de vistas e levar em conta a produção coletiva do conhecimento (11).

As PICS ofertadas foram meditação, respiração guiada com aromaterapia, auriculoterapia e escaldapés. A escolha dessas práticas levou em consideração a forma como os participantes se apresentavam no momento da acolhida no encontro grupal. Destaca-se que a realização dos encontros grupais ocorreu no salão de uma igreja localizada dentro da instituição prisional.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB (parecer n.º 5.249.711; CAAE n.º 54230221.4.0000.0056).

Resultados e Discussão

Os personagens, representantes de pessoas reais, seguiram explicitando, ao longo do percurso cartográfico, a potência subjetiva e singular dos participantes no despertar das práticas grupais de cuidado em saúde mental com as PICS ao longo da experiência com o encarceramento. Para dar corporeidade aos personagens que representam vidas e pessoas reais, os participantes são representados, aqui, pelos seguintes personagens: *Rei Leão*, homem de meia-idade, que se autoidentifica como pardo, tem estatura mediana e cabelos grisalhos, desenvolveu trabalho com indústria, tendo experienciado, também, trabalho na zona rural; *Power Rangers*, atravessa a juventude, franzino, tímido, autoidentifica-se como pardo, gosta de tatuagens e da vida interiorana, sempre trabalhou com roça; *Rambo*, autodeclara-se negro, tem olhos castanho-escuros, apresenta-se na transição entre a juventude e a meia-idade, afirma já ter trabalhado com tudo na vida; *Scooby-Doo*, jovem franzino, baixa estatura, autoidentifica-se como pardo, filho único, trabalhava com a mãe vendendo lanche; *William Bonner*, senhor que atravessa a terceira idade, cabelos grisalhos, apresenta ligeiro grau de obesidade (grau 2), gosta muito do jornal nacional, antes do

encarceramento, trabalhava como caminhoneiro, profissão que exerceu desde a adolescência; *Wolverine*, autodeclara-se negro, é magro, tímido, de meia-idade, gosta de jogar futebol, trabalhou como mecânico de moto e também trabalhou em roça de uva e manga; e Tupi, senhor de etnia indígena, atravessa a meia idade, ligeiramente grisalho, trabalhador rural, gosta de bons diálogos sobre a vida e afazeres rurais.

PICS e saúde mental na prisão: um caminho para a produção de novos modos de cuidado

A presente categoria empírica traz o mapa da experimentação dos cuidados com PICS em saúde mental que transitou pelo cenário da prisão, capturando as conexões possíveis entre as PICS e as sensações e percepções dos participantes, a partir da experiência com as práticas para a construção de novos modos de cuidado em saúde mental.

Os encontros grupais com as PICS, podem se constituir como dispositivos que atuam como forças reterritorializantes ou desterritorializantes, tendo-se em vista que não há território sem um vetor de saída, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem que, ao mesmo tempo, haja um esforço para se reterritorializar em outra parte. Por conseguinte, o processo de reterritorialização suscita a criação e a habitação de novos territórios existenciais, mesmo que transitórios (12). Como um contraponto às condições oferecidas pelo encarceramento, as PICS em saúde mental partiram em busca de territórios existenciais, visualizados a seguir.

Eu tô bem quieto e parado, que é pra essa sensação que eu tô sentindo não ir embora. Parece que eu tô numa chácara, tô me sentindo à vontade, uma paz. Eu até esqueci que estava no presídio! (Diário de Campo - Rei Leão)¹

A expressão do que pode ser sentido e/ou percebido pelos participantes a partir das PICS remonta a conexões possíveis para o cuidado em saúde mental no contexto da prisão. Pensar a prática de cuidado com as PICS em saúde mental considerando o território pode constituir-se em estratégia de resgate dos direitos de cidadania e inclusão das pessoas privadas de liberdade, sendo elas protagonistas no processo do cuidado de si (13).

Considera-se que a construção do grupo de cuidados em saúde mental com as PICS na penitenciária pode ser uma pista para o que Deleuze e Guattari (14) chamam de “espaços lisos”. As falas podem favorecer o entendimento dos encontros grupais como construção desses espaços, tendo-se em vista a possibilidade de escapar às regras, normas e disciplinarização prescritas na perspectiva do tratamento ressocializador na

¹ Procurou-se preservar a sintaxe e o vocabulário dos participantes.

prisão, ou seja, às estriações presentes na instituição total. Desse modo, compreender as falas dentro de um espaço de cuidado – que se constitui com as PICS em saúde mental por meio da expressão de sensações disparadas pelos participantes – representa atributos de “(co)criações” presentes em espaços lisos. Entretanto, esses espaços estão inseridos em uma constante oposição aos espaços estriados – caracterizados como modos de controlar e metrificar. Apesar da discrepância que opera entre os espaços lisos e estriados, ambos coexistem e podem ser percebidos a partir dos movimentos realizados pelo grupo na prisão.

Os trechos a seguir evidenciam a resistência aos espaços estriados impostos pela instituição total, mas que também sinalizam para a abertura e a produção de espaços lisos.

No começo, o cabra fica sem jeito, eu nunca vi isso na cadeia, até na aldeia as coisas eram diferentes, os rituais que a gente fazia. No começo, eu não entendia o que a doutora queria, eu sabia que era para a gente ficar relaxado, calmo, mas acalmar a mente eu achava difícil. Mas aquilo de respirar era difícil demais. Hoje não, agora eu faço do jeito que a doutora diz, me ajuda a tranquilizar mais, até no pavilhão eu fico tentando fazer isso (Diário de Campo - Tupi).

Os autores Lena e Gonçalves (15:14) buscaram compreender de que forma as PICS promovem potência de vida para homens presos. Entre os achados, os autores referiram que as PICS se apresentaram como “Prática de Liberdade”, expressa como uma forma de exercer a subjetividade, mas em um processo crítico de negociação com a realidade. Eles acrescentaram que os detentos produziam novas formas de ser quando buscavam o equilíbrio entre quem eles eram e quem eles poderiam ser. Essa busca por novos modos de se relacionar consigo e com o entorno também pode ser percebida na fala de *Wolverine*:

Eu me sinto mais tranquilo, sossegado, às vezes dentro do pavilhão a gente só escuta coisa ruim. E no grupo a gente começa a mudar o pensamento, a pensar coisas melhores, acalma a mente da pessoa. Quando a gente faz uma amizade boa, é a melhor coisa que tem no mundo! A doutora é muito importante pra nós aqui (Diário de Campo - Wolverine).

Do mesmo modo, Carneiro e Caribé (16) mostraram que as oficinas com as PICS favoreceram a produção de subjetividade, a aprendizagem e a ampliação de relações entre participantes e facilitadores. Entretanto, se as PICS em saúde mental nos mobilizam na direção do cuidado, isso não é algo dado, não é um cuidado que está pronto, pois ele não se faz somente a partir de trajetos preexistentes: os caminhos para o cuidado precisam ser produzidos e, no trajeto, fazem-se necessários deslocamentos e invenção de outros tipos de movimento, que possam produzir linhas de fuga (17).

Eu, mais novo, nunca teve um negócio desse na minha vida: a doutora vem botar a gente pra respirar. A doutora lá explicando e eu entendendo... Gosto de sair do pavilhão pra vim pra igreja participar do grupo, a mente do cabra fica diferente. Quando a gente voltava para o pavilhão, a gente conversava: mas foi bom! (Diário de Campo - Tupi).

As PICS podem ser úteis como dispositivos para a invenção de novos caminhos para o cuidado em saúde mental, pois se renovam a cada encontro, a partir da capacidade inventiva dos atores que as experienciam. Portanto, podemos inferir que as PICS representam uma possibilidade de conexão, de contato com a produção de um cuidado inventivo, mas que não opera sozinha, pois precisa do outro para se tornar possível.

Se a pessoa não se movimenta, não consegue sobreviver aqui. Quando eu faço alguma coisa com meu corpo, ou jogo bola, ou a doutora me chama para o grupo, eu vou feliz, porque sei que coisa boa vai acontecer (Diário de Campo - Wolverine).

Compreender que as mudanças nas paisagens da instituição prisional podem ocorrer dentro ou fora do espaço grupal, de certa forma, mostra a criação de um espaço de cuidado nas rachaduras da lógica normalizadora da prisão. Assim, a produção dos encontros com as PICS em saúde mental pode estabelecer diferenças, criações a partir dos acontecimentos, evitando-se a homogeneização (18).

Explorar a cena em que houve a prática de escalda-pés no grupo ilustra um modo de deslizar na prisão a partir da micropolítica do encontro, que opera movimentos moleculares para a produção dos cuidados em saúde mental.

Após ouvir os participantes, expliquei sobre a utilização da erva e comentei que poderia ser feito com flores, óleo essencial, pedras, gudes. Mostrei o material, expliquei sobre o malvão (...). Iniciamos um trabalho de respiração enquanto se ouvia, bem baixinho, uma música de fundo com sons da natureza. Um silêncio se constituiu no ambiente. Os participantes aparentavam estar à vontade, calmos e concentrados na sensação do escalda-pés (Diário de Campo, pesquisadora-cartógrafa).

Apesar de a prática de escalda-pés não estar incluída no leque das 29 práticas e recursos terapêuticos legitimados pela PNPIC (19, 20), sua realização no encontro grupal trouxe para a roda memórias, sentimentos e sensações, além de se constituir em um modo de trazer os participantes com suas experiências para o centro do cuidado. Assim, a implementação das PICS como ferramenta para a produção de cuidados em saúde mental tem como ponto de partida os sujeitos, assim como o seu contexto de vida como foco para a realização das práticas, caracterizando um modo de cuidado em contraposição ao recrudescimento de forças cristalizadas presente no cotidiano do encarceramento, que produz sofrimento psíquico.

Nesse sentido, Guimarães *et al.* (13) refletem acerca da descolonização na saúde por meio das PICS, de modo que se deve considerar a ecologia de saberes que, por sua vez, propõem o resgate de diferentes práticas e saberes que foram invisibilizados, para criar compreensões a partir das experiências do mundo (13). Dessa forma, reflete-se que a experimentação com escalda-pés, despertada pela invenção de tecnologias de cuidados, pode ser entendida como uma defesa de uma saúde mental produzida e

reproduzida entre parâmetros e experiências diversas, capaz de resgatar as experiências dos participantes expressas dentro do coletivo grupal.

Por conseguinte, trata-se de discutir a integralidade por meio da porta que foi aberta no encontro com as PICS, a partir de preceitos antimanicomiais, ou seja, não entendendo a integralidade como um conceito único, mas em várias dimensões – que não são estanques ou lineares – que se entrelaçam e se complementam (13). Guimarães *et al.* (13) propõem o trabalho com a integralidade como um articulador de diferentes olhares que permitam a “(re)invenção” da saúde numa ótica mais flexível e criativa, que agrega diferentes saberes e modos de intervenção. Desse modo, trazer as falas dos participantes pode materializar traços de integralidade percebidos no encontro com as PICS.

Eu nunca esqueço de um dia que sai do pavilhão com um ódio, era uma raiva tão grande de um cabra. Ai, quando eu voltei da igreja, que fui para o grupo, eu voltei calminho. Até eu me impressionei comigo nesse dia (Entrevista-Conversaão - Power Rangers).

Tem tempo que a gente só pensa coisa ruim, e quando sai do pavilhão que vai encontrar a doutora, tudo flui melhor. A cabeça muda, a sensação é de sentir coisas boas, relaxar a mente e esfriar a cabeça. Eu fico pensando em quando eu sair daqui eu penso em trabalhar e montar minha oficina de moto de novo (Entrevista-Conversaão - Wolverine).

Refletir a presença das PICS em saúde mental no coletivo com os participantes do grupo mostra que o cuidado com vista à integralidade pode constituir espaços de cultura da não violência, da redução de danos e da autonomia, dentro da instituição prisional. Dalmolim (21) completa afirmando que as abordagens por meio dessas práticas incentivam a efetivação do conceito positivo de saúde, atribuindo um papel mais ativo aos usuários, envolvendo-os no processo saúde-doença de modo mais consciente e responsável.

Por outro lado, os cuidados com PICS em saúde mental esbarram nos obstáculos impostos pela prisão, como ocorre na fala de Rambo.

[...] a igreja ainda muda que é uma cor só, branca! Ah, e sem grade. O que eu acho interessante é a troca de informação, os exercícios, é nossas conversas lá, é sempre bom! O cabra pensa outras coisas, lembra da infância ainda, da família. Ah, é na igreja que a gente tem silêncio né, porque dentro do pavilhão, misericórdia! (Entrevista-Conversaão – Rambo).

Antes de pensar nos desafios impostos pelo encarceramento, essa fala pode trazer uma ideia da integralidade como um dever. Pensar a lucidez da fala de Rambo, ao perceber a mudança na paisagem presente entre os setores da prisão e a igreja; mas, também, no que pode ser produzido com o grupo de cuidados em saúde mental, que pode subsidiar informações acerca do espaço em que se constroem cuidados com vistas à atenção psicossocial.

Assim, é possível perceber a prisão como um cenário vivo, onde os atores sociais modificam e são modificados pela paisagem, ou seja, reafirmando territórios existenciais que se constituem/apresentam durante os encontros. As PICS em saúde mental realizadas no espaço grupal despontaram como estratégia de cuidado sensível à realidade social e individual experienciada na prisão, pois tornou-se possível o reconhecimento de um conjunto variado de fatores – como a violência institucional, a improdutividade das relações dentro dos pavilhões, o uso abusivo de substâncias – que marcam as condições de vida das pessoas em privação de liberdade e influenciam diretamente o modo de produzir saúde mental na prisão.

Mapas de Deligny: dispositivos agenciadores de subjetividades

A presente categoria decorre da aposta na produção dos mapas inspirados em Deligny (5), desvelada com os participantes no encontro grupal com as PICS em saúde mental, para trabalhar devires que não foram manifestados ou verbalizados, ou seja, questões que não emergiram nas cenas das rodas de cuidado. No encontro em que realizamos as práticas de cuidado em saúde mental com foco na construção dos mapas de Deligny (5), foram despertadas sensações que envolviam a convivência entre os participantes nos pavilhões, para que as PICS fossem guiadas a partir do que eles sentiam e percebiam no cotidiano da penitenciária.

Nesse cenário, as práticas realizadas com o grupo de atenção em saúde mental com PICS permitem perceber a distinção entre o trabalho vivo e o trabalho morto (7), visto que o processo produtivo com ênfase em saúde mental na prisão caminha no sentido oposto ao que a instituição propõe para os detentos. Isso corrobora o proposto por Almeida e Merhy (22), que referenciam o trabalho morto como utilização da lógica instrumental, como, por exemplo, apegar-se a protocolos pré-estabelecidos; já o trabalho vivo é produzido com alto grau de liberdade, o que viabiliza múltiplas conexões com o território – um espaço de inventividade e criatividade – sem barrar o desejo (a potência de existir).

Por isso, o trilhar cartográfico seguiu-se com base no trabalho vivo, na busca e reconhecimento de forças em movimento, abrindo linhas de fuga e buscando a construção de cuidados em saúde mental com outras lógicas que não as hegemônicas.

A produção dos mapas inspirados em Deligny (5) no coletivo do grupo de cuidados em saúde mental com as PICS pode ser fruto do trabalho vivo com pessoas em situação de privação de liberdade. Durante a apresentação do mapa traçado, *Scooby-Doo* completou com a seguinte fala:

Eu passo o dia na cela, deitado, assistindo [TV], comendo, aí quando eu me canso, vou olhar o povo jogando na quadra, quando tem jogo. A melhor parte da vida aqui é no final de semana, quando minha mãe vem me visitar. Aqui é a gente na cantina, lanchando (risos) (Diário de Campo, fala de Scooby-Doo).

O desenvolvimento de práticas de cuidado em saúde mental na prisão é sempre desafiador, pois, no mapa produzido por *Scooby-Doo*, a expressão da monotonia no ambiente do cárcere – historicizada pelo participante – associada a um espaço de trocas mínimas, sejam afetiva, social e/ou material, compõe a rotina vivenciada no pavilhão. Desse modo, a produção de modos inventivos para lidar com o sofrimento psíquico de quem atravessa o período de encarceramento partiu da perspectiva de condições afetivas, que, por meio do vínculo e da processualidade do encontro operado com as PICS em saúde mental, pode ser capaz de resgatar o campo relacional dos sujeitos com o seu entorno, como um modo de resistência.

Nesse sentido, Dejours (23) aponta que a essência do trabalho vivo está na resistência ao fracasso, na capacidade em demonstrar obstinação nesse confronto com o real que existe. A autora afirma que, entre a experiência com o real e o encontro da solução, há sempre um espaço intermediário de sofrimento – de tolerância e resistência a ele –, e que é nesse corpo a corpo no movimento de ir de encontro à realidade que emerge a intuição de solução, de saída para outros modos de produzir vida (22).

O registro das visitas da mãe, inscrito no mapear de *Scooby-Doo*, também pode suscitar as paixões alegres, presentes na teoria das afecções propostas (24), pois é a partir dos signos emitidos nos encontros que os corpos se afetam e podem se transformar. Assim, bons encontros geram paixões alegres e ocorrem quando há conveniência no encontro entre corpos, cuja relação é de composição (24).

Desse modo, a produção dos mapas, inspirados em Deligny (5), engendrou modos inventivos para vencer alguns obstáculos que diariamente são impostos pela prisão, como, por exemplo, o silenciamento. Romper o silêncio a partir dos mapas produzidos no encontro grupal traz a multiplicidade de formas de engendramento do cuidado para si em meio à multidão que povoa o pavilhão, como pode ser visto na fala de *Rambo*:

Eu passo o dia fumando, porque acalma a mente. O dia que eu fumo menos é quando venho pra cá, que a senhora chama para o grupo. E aqui é onde eu moro, na cela 5. Esses traços é quando eu faço caminhada na quadra, também é a fila da bóia [refeição] (Diário de Campo, fala de Rambo).

Refletir, por meio dos registros nos mapas, o cenário em que ocorre a vida dos participantes efetuou-se como uma forma de tensionar o que Deleuze (25) apontou como linhas de visibilidade. Essas linhas, de acordo com o autor, mostram as relações de poder e de resistência que se configuram no que pode ser visto/dito ou, na mesma medida, ser invisibilizado. Assim, o mapa produzido por *Rambo* demonstra a falência do tratamento ressocializador na prisão, expressa pelo constante isolamento – como relatado pelo

participante –, mas também pela inexistência de atividades que façam sentido para quem experiencia o cotidiano da prisão.

Os desdobramentos que os cuidados em saúde mental com as PICS vão tomando no grupo são fruto da processualidade dos encontros. Neles, a todo momento, estratégias são criadas, produzidas, há partilha de experiências e, nesse contexto, o cuidado vai fazendo sentido e sendo produzido. *Rei Leão* reforça ao apresentar o seu mapa.

Eu, com meu bigode (risos), doutora! Eu passo o dia mais quieto na cela, fico assistindo deitado, lá a gente tem uma televisãozinha, aí às vezes vou na cantina, todo dia eu faço minha caminhada na quadra bem cedo. Tô com 11 anos aqui dentro, nunca tive problema com ninguém (Diário de Campo, fala de Rei Leão).

Na presença do bigode e na ênfase dada pelo participante no mapa e na fala, escapa a homogeneização proposta pela instituição total, como apontado por Goffman (26), pois a produção do mapa para os cuidados em saúde mental com as PICS não se trata apenas do criar sem sentido, mas assinala um desejo de cuidado e atenção presente no que é singular. A perspectiva de observar, no coletivo grupal, a produção de cuidados é importante, sobretudo na sua potencialidade de empoderamento, mas também por reforçar a ideia de que os aspectos subjetivos fortalecem os vínculos e são elementos poderosos para a adesão dos participantes às atividades (27). *Wolverine*, ao apresentar seu mapa, estabelece suas prioridades, ao definir:

O que eu mais gosto de fazer é o número 1 – assistir [TV], depois é jogar bola na quadra; em terceiro lugar, é dormir e, quando eu tô estressado, ou com raiva, eu vou pegar minhas maromba, que eu fiz de cimento (risos)! (Diário de Campo, fala de Wolverine).

A expressão desse mapa suscita processos de singularização e subjetivação, pois pensar a produção de singularidade é um processo dinâmico que possibilita movimentos para a construção de territórios existenciais, expandindo a perspectiva de vida para além das determinações da subjetividade homogeneizante (28). De acordo com Argiles *et al.* (28), a produção de subjetividade diz respeito às possibilidades que se abrem à reconstituição de projetos de vida, à retomada de direitos, de desejos, de modos de ser e estar no mundo, de acessos e de relações, o que Yasui *et al.* (29) corroboram, ao destacarem que o reconhecimento de territórios existenciais, na perspectiva da atenção psicossocial, deve abarcar a multiplicidade dos fluxos de vida das pessoas para, a partir de então, acompanhar, cuidar e investir em movimentos de resistência; pois a produção singular da existência faz parte do processo de construção de um espaço em que seja possível traçar linhas de vida (29).

Ao final dos registros, os participantes tinham uma preocupação em colocar os nomes nos desenhos, queriam mostrar o que tinham produzido, estavam felizes pelo que tinham feito. Eu achei muito interessante o

envolvimento e a troca, uns olhando os desenhos dos outros, foi bem descontraído, eles explicavam o desenho, sorriam e concordavam. Quando todos finalizaram, faziam questão de explicar o que tinham desenhado, estavam felizes com a produção dos mapas. Recebi os desenhos; nesse momento, eu sentia uma energia boa do grupo, estávamos à vontade, tínhamos um vínculo forte, algo que nos prendia para a produção de vida e felicidade (Diário de Campo, pesquisadora-cartógrafa).

O exercício de produção dos mapas de Deligny (5) pode, aqui, ser entendido com o que Almeida e Merhy (22) discutem sobre encarar a produção cotidiana das práticas de cuidado em saúde de modo implicado com o agir antimanicomial. Nesse sentido, o grupo com as pessoas privadas de liberdade para realização das PICS em saúde mental reinventou-se a cada encontro para garantir o espaço de cuidado em que os participantes pudessem se mostrar no coletivo, com seus desejos, como uma forma de contornar as práticas manicomiais presentes na prisão, de modo que fossem capazes de focar nas relações com e entre todos do grupo, para que os modos de subjetivação individual e coletivo pudessem ser acessados e, a partir daí, os cuidados em saúde mental se constituíssem.

Assim, a produção de mapas no encontro grupal com as PICS em saúde mental apontou processos de resistência criados pelos participantes e emergiu como ferramenta capaz de trazer posicionamentos e modos de vida, além de reafirmar afetos e conexões que sustentam a vida dentro do cotidiano de encarceramento, ou seja, de promover atenção psicossocial.

Considerações Finais

No estudo, verificou-se que o encontro com as PICS em saúde mental conseguiu coproduzir espaços para a produção de subjetividades, contrapondo-se às formas homogeneizantes da prisão. A partir da estratégia de cuidado dos mapas, foi possível não só acessar, mas também produzir territórios existenciais, visualizar estratégias de cuidado e de resistência a partir da percepção dos participantes na experiência com a prisão. Outrossim, caracterizou-se como ferramenta potente para trabalhar devires não manifestados ou verbalizados, retratando um pouco da rotina-realidade nos pavilhões. Além disso, emergiu como uma prática inclusiva, um modo de expressar o que sentem e percebem no cotidiano de encarceramento, expressando a singularidade dos participantes, como também sinalizando vazios assistenciais que as PICS em saúde mental puderam acessar e/ou preencher.

Considera-se fundamental a valorização do encontro como um ponto de partida para que os cuidados possam constituir-se em modos antimanicomiais, ainda que se produza no contexto de privação de liberdade. A implementação dos cuidados com as PICS em saúde mental, no âmbito da saúde básica

prisional, apresentou benefícios terapêuticos individuais e coletivos, contribuiu para o fortalecimento do vínculo, da autonomia e do autocuidado dos participantes, além de ser um modelo de cuidado de baixo custo para ser implementado nos serviços, a fim de se expandir um modelo de cuidado com base territorial.

Algumas limitações foram percebidas, entre elas: a adequação das práticas à rotina institucional da penitenciária; as pactuações com os policiais penais, para que colaborassem para manter o silêncio; e o espaço grupal privativo para os participantes, visto que a vigilância excessiva poderia causar constrangimento ou abafar as expressões subjetivas durante a produção do cuidado.

As PICS em saúde mental, ocorreram para que o plano comum pudesse ser acessado na produção dos cuidados com os participantes da pesquisa. Por isso, ressalta-se a importância de apontar caminhos para a produção de cuidados balizados pela atenção psicossocial, reinventando-os a cada encontro e fortalecendo o protagonismo das pessoas às quais os cuidados se destinam, para que ocorram em consonância com os preceitos da reforma psiquiátrica.

Este texto é fruto do programa de pós-graduação *stricto sensu* Mestrado Profissional em Saúde da Família (PROFSAÚDE).

Referências

- (1) Departamento Penitenciário Nacional. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias: InfoPen. Atualização junho de 2017. Brasília: Ministério da Justiça; 2019.
- (2) Brasil. Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário. Portaria nº 1.777, de 9 de setembro de 2003. Diário Oficial da União 2003; 9 set.
- (3) Brasil. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde das Pessoas Privadas de Liberdade no Sistema Prisional. Portaria n. 1, de 2 de janeiro de 2014. Diário Oficial da União 2014; 2 jan.
- (4) Brasil. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde: atitude de ampliação de acesso. Brasília: Ministério da Saúde; 2015.
- (5) Deligny F. O aracniano e outros textos. São Paulo: n-1 edições; 2015.
- (6) Deleuze G, Guattari F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34; 1996.
- (7) Meryh EE. Saúde: Cartografia do Trabalho Vivo em Ato. Editora Hucite; 2002.
- (8) Barros LP, Kastrup V. Cartografar é acompanhar processos. In: Passos E, Kastrup V, Escóssia L, organizadores. Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009. p. 52-75.
- (9) Oliveira LHS. "Escrevivência" em Becos da Memória, de Conceição Evaristo. Revista Estudos Feministas. 2009; 17(2):621-23.
- (10) Trentini M, Paim L, Silva DMG. V. Pesquisa Convergente Assistencial (PCA): delineamento provocador de mudanças nas práticas de saúde. 3. ed. Porto Alegre: Moriá; 2014.
- (11) Kastrup V, Passos E. Cartografar é traçar um plano comum. In: Passos E, Kastrup V, Tedesco S, organizadores. Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina; 2013. p. 15-41.
- (12) Deleuze G. O abecedário de Gilles Deleuze. 1988. Transcrição integral do vídeo exclusivamente para fins didáticos. Disponível em: Esquizoanálise – Textos – Escola Nômade (escolanomade.org)
- (13) Guimarães MB, Nunes JA, Velloso M, Bezerra A, Sousa IM. As práticas integrativas e complementares no campo da saúde: para uma descolonização dos saberes e práticas. Saúde e Sociedade. 2020; 29(1):1-14.

- (14) Deleuze G, Guattari F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34. 1997.
- (15) Lena MS, Gonçalves TR. (Re)existência e potência de vida: práticas integrativas e complementares em saúde para presos. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 2021; 31(2): 1-22.
- (16) Carneiro J, Caribé C, Rego G. PICS em saúde mental: Oficinas de relaxamento e meditação. *Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde*. 2020; 5:157-175.
- (17) Bigatto KRS. Música no cotidiano de cuidados em saúde mental: uma cartografia [Tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Doutorado em Enfermagem; 2018.
- (18) Deleuze G, Parnet C. Diálogos. São Paulo: escuta; 1998.
- (19) Brasil. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Inclui a arteterapia, ayurveda, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa e yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares; 2017. 27 mar.
- (20) Brasil. Portaria nº 702, de 21 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, para incluir novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares; 2018. 21 mar.
- (21) Dalmolin IS. Práticas integrativas e complementares na atenção primária: caminhos para promover o Sistema Único de Saúde. 2017. 143 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- (22) Almeida SA, Merhy EE. Micropolítica do trabalho vivo em saúde mental: composição por uma ética antimanicomial em ato. *Revista Psicologia Política*. 2020; 20(47): 65-75.
- (23) Dejours C. Trabalho Vivo II: Trabalho e Emancipação. 2. ed. São Paulo: Blucher; 2022.
- (24) Deleuze G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta; 2002.
- (25) Deleuze G. Foucault. São Paulo: Brasiliense; 2005.
- (26) Goffman E. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva; 1961.
- (27) Nogueira ALG, Munari DB, Fortuna CM, Santos LF. Pistas para potencializar grupos na Atenção Primária à Saúde. *Rev Bras de Enferm*. 2016; 69(5): 964-971.
- (28) Argiles CT, Kantorski LP, Willrich JQ, Coimbra VC. Processos de singularização no modo psicossocial. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 2017; 27(01):61-77.
- (29) Yasui S, Luzio CA, Amarante P. Atenção psicossocial e Atenção Básica: a vida como ela é no território. *Rev. Polis e Psique*. 2018; 8(1): 173-190.

Como citar	Cordeiro AJM, Cortes HM, Pinho PH. Escrivências, em um contexto de encarceramento, acerca da experiência de cuidados em Saúde Mental a partir das Práticas Integrativas e Complementares. <i>Revista Portal Saúde e Sociedade</i> , 9 (único): e02409006esp-2. DOI: 10.28998/rpss.e02409006esp-2
	Este é um artigo publicado em acesso aberto (<i>Open Access</i>) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado
Conflito de interesses	Sem conflito de interesse
Financiamento	Sem apoio financeiro
Contribuições dos autores	Redação preliminar; Concepção e/ou delineamento do estudo; Aquisição, análise ou interpretação dos dados; Revisão crítica da versão preliminar: AJMC, HMC, PHP. Todas as autoras aprovaram a versão final e concordaram com prestar contas sobre todos os aspectos do trabalho.